

campinas.edu.br/transinfo/article/view/6399. Acesso em: 22 jun. 2023.

MARTUCCI, Elisabeth Marcia. A feminização e a profissionalização do magistério e da biblioteconomia. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 1, n. 2, 1996. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/38901>. Acesso em: 19 jun. 2023.

PERROT, Michelle. **Mulheres públicas**. São Paulo: Fundação UNESP, 1998.

RODRIGUES, Marcia Carvalho (org.). **Bacharelado em Biblioteconomia – FURG: trajetórias de ensino, pesquisa e extensão, 1975-2015**. Rio Grande: Editora da FURG, 2018.

XAVIER, Ana Laura Silva. **A presença do feminino na biblioteconomia brasileira: aspectos históricos**. 2020. 143 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, Universidade Estadual Paulista, Marília, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/193372>. Acesso em: 5 jun. 2023.

---

## A PRESERVAÇÃO DE ACERVOS ARQUIVÍSTICOS NA REVISTA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO (1997-2021)

**Andrea Gonçalves dos Santos**  
Universidade Federal de Pelotas - UFPel  
dea.goncalves.santos@gmail.com

As relações entre o homem e os acervos arquivísticos organizados e preservados colaboram na construção da memória das instituições escolares e são, em alguns casos, a única fonte da qual dispõem os historiadores da educação para pesquisa. O estudo da História da Educação brasileira, muitas vezes utiliza documentos (nos mais diversos formatos e suportes) produzidos ao longo da

história que registram diversas fases da educação: as práticas educacionais, os indivíduos envolvidos e o pensamento educacional de cada época.

Nas instituições escolares, diversas ciências lidam com a informação e documentação demonstrando aproximações devido a utilização do mesmo espaço institucional, porém baseadas em teorias e procedimentos próprios de cada uma, como são a Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da Informação. Os arquivos, as bibliotecas e os museus são instituições cuja origem se confunde com a própria ideia de cultura, preocupando-se com a “preservação e transmissão das experiências e conhecimentos acumulados, implicando algum tipo de inscrição material destas experiências e conhecimentos” (ARAÚJO, 2010, p. 176).

Se bem esses locais constituíam praticamente a mesma entidade, pois organizavam e armazenavam todos os tipos de documentos, o “conjunto de técnicas e mesmo o conjunto de questões envolvidas em cada uma delas apresentou, desde o início, pontos de contato mas, também, especificidades próprias” (ARAÚJO, 2010, p. 177). Após a Revolução Francesa os arquivos integram um movimento por meio do qual se inserem nos projetos de construção das identidades nacionais, criando o primeiro arquivo nacional em 1790, promovendo a “constituição de depósitos centrais de arquivos em vários lugares da Europa” (FONSECA, 2005, p. 32).

Para Araújo (2010, p. 178) “a partir de então, a produção de conhecimentos teóricos no âmbito destas três áreas passa a se inserir no espírito da modernidade e na lógica positivista”. Se bem ela se envolve inicialmente numa perspectiva historicista “tradicional”, esta perspectiva “privilegia a dimensão patrimonial de acervos custodiados para servirem à produção historiográfica” (SILVA, 2008, p. 1) onde os documentos de arquivo “têm duas qualidades, a imparcialidade e a autenticidade, as quais levam ao conhecimento da verdade” (SILVA et al., 1998, p. 126).

Diante desse cenário, desenvolvo uma pesquisa que se insere na Linha de Pesquisa em Filosofia e História da Educação, no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) sobre os desafios na atualidade da preservação das fontes em instituições escolares para a pesquisa

e os pesquisadores em história da educação. Dessa forma, este trabalho tem como base analisar, por meio de um levantamento de textos produzidos no âmbito acadêmico que já trataram do objeto de pesquisa (com a utilização também de palavras derivadas) utilizando a Revista de História da Educação da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação – ASPHE. Pretende-se relacionar o tratamento das fontes para a preservação e uso na história da educação, procurando textos que contribuam com a pesquisa em desenvolvimento.

Assim, pretende-se responder à pergunta: quais são as pesquisas já desenvolvidas que tratam sobre o tratamento das fontes para a preservação e uso na história da educação na Revista de História da Educação? Considerando que a revista tem como finalidade disseminar conhecimentos relacionados à área de História e Historiografia da Educação, foi realizada a leitura dos títulos e palavras-chaves para localizar as palavras-chave definidas pelos termos “acervo” (com as palavras derivadas: documentos, fontes, fundos documentais e arquivos) e “preservação”, já que o termo “história da educação” estaria implícito no escopo da revista.

Andrade (2010) explica que a pesquisa bibliográfica é “obrigatória nas pesquisas exploratórias, na delimitação do tema de um trabalho ou pesquisa, no desenvolvimento do assunto, nas citações, na apresentação das conclusões” (ANDRADE, 2010, p. 25). No entanto, Le Goff (2013) ressalta que o pesquisador não deve ser ingênuo em crer que os documentos foram preservados naturalmente. Eles fizeram parte de uma seleção que opta por salvaguardar uma versão dos fatos em detrimento de outra, onde, o que perdura não é o conjunto daquilo que existiu “mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores (LE GOFF, 2013, p. 485).

Após o levantamento, constatou-se que, desde o primeiro volume (em 1997) até número 27 (em 2023) foram localizados 29 artigos, dos quais somente 25 foram considerados, por abordar acervos considerados arquivísticos. Dentre os artigos chamam a atenção seis textos que foram considerados relevantes para a pesquisa

e se dirigem à utilização de fontes e acervos e a tecnologia aplicada às pesquisas no campo da história da educação. Com respeito à utilização de fontes e acervos, Faria Filho (1997) ressalta que, por um lado, o quanto a história da educação tem sido enriquecida com a utilização das chamadas "novas" fontes, e, por outro lado, o quanto o trabalho com as mesmas exige, ou tende a exigir, um trabalho do(da) pesquisadora(a) no sentido de explicitar e explorar tanto suas especificidades quanto as possibilidades de cruzamento com outras modalidades de fontes.

Silva (2003), por meio do seu relato de experiência, problematiza a questão da profissão do historiador, principalmente no que concerne à sua atuação junto aos acervos históricos. As atividades que envolvem a constituição, organização e disponibilização de acervos têm sido, não raras vezes, exercidas por profissionais licenciados ou bacharéis em História, cuja formação não contempla as habilidades necessárias para a referida atuação. Por sua vez, Anjos (2018) toma o arquivo como um lugar físico e epistemológico, reflete sobre o que ele pode testemunhar para o trabalho do historiador da educação. Dialogando com a historiografia sobre o papel dos arquivos na escrita da História, num primeiro momento reflete-se sobre as relações entre Arquivo, Memória e História. Em seguida, discutem-se seus dois diferentes níveis de testemunho para a pesquisa histórico-educacional: o testemunho intencional e o não intencional sobre a educação.

Com respeito à tecnologia aplicada ao campo, Vidal (2002), reflete sobre o lugar do documento na era digital, defendendo a convivência das linguagens oral, escrita e digital e de seus produtos no presente e futuro e advogando a preservação dos vários suportes de informação. Propõe a elaboração de uma política de descarte afinada aos interesses da história da educação e aos princípios da arquivística que deve levar em conta os aportes das novas tecnologias. Nesse sentido, Werle (2002) também realiza uma reflexão acerca das mudanças proporcionadas pelas novas tecnologias na gestão, escrituração e arquivos escolares e das alterações normativas referentes a escrituração e arquivo.

Razzini (2008) aponta formas e possibilidades de pesquisa na área, assim como limites e desafios, tentando articular, no próprio texto, alguns recursos digitais ao analisar pesquisas, acervos e diversos sítios de instituições que

conservam fontes e documentos relativos à história da educação. As informações levantadas possibilitaram a elaboração de tabelas que permitiram a compilação das referências utilizadas com a identificação de autores, obras, citações e/ou informações que possibilitaram identificar e interpretar a relevância do tratamento das fontes para a preservação e uso na história da educação para a pesquisa em desenvolvimento.

O levantamento permitiu reforçar o entendimento que o tratamento arquivístico nos acervos é fundamental para a preservação e o desenvolvimento da pesquisa histórica. A criação e disponibilização de instrumentos que facilitem o acesso às fontes facilita o trabalho dos pesquisadores, assim como influencia na qualidade das pesquisas devido à otimização do tempo no seu uso. Aliado a isso é necessário pensar na conservação e preservação dessas fontes documentais, considerando que, na maioria das instituições, os documentos foram guardados durante décadas em locais inadequados, algumas vezes “esquecidos” provocando a degradação do suporte, infestação de agentes biológicos, lacunas além de perdas irreparáveis devido à obsolescência tecnológica.

**Palavras-chave:** Documentos de arquivo, fontes documentais, preservação, levantamento ASPHE.

#### **Referências:**

ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico:** elaboração de trabalhos na graduação. São Paulo, SP: Atlas, 2010.

ARAÚJO, C. A. Á. Ciência da informação como campo integrador para as áreas de biblioteconomia, arquivologia e museologia. In: **Informação & Informação**, v. 15, n. 1, p. 173-189, 2010. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/33523> Acesso em: 28 abr. 2023.

FONSECA, M. O. **Arquivologia e ciência da informação.** Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2005.

LE GOFF, J. **História e memória.** Tradução Bernardo Leitão (et al.) 7 ed. revista Campinas. Ed. da Unicamp. São Paulo, 2013

SILVA, A. M. B. M. da; et al. **Arquivística**: teoria e prática de uma ciência da informação. Porto: Afrontamento, 1998.

SILVA, E. P. da. A trajetória da arquivologia: três visões sobre os arquivos. In: Congresso Nacional de Arquivologia, 3., 2008, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: Executiva Nacional das Associações Regionais de Arquivologia, 2008.

---

DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA A PESQUISA E OS  
PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NAS  
UNIVERSIDADES FEDERAIS

**Andrea Gonçalves dos Santos**  
Universidade Federal de Pelotas - UFPel  
dea.goncalves.santos@gmail.com

Se bem o documento é qualquer “unidade de informações, qualquer seja o suporte ou formato” (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p. 73), o documento de arquivo é a informação registrada, independente da forma ou do suporte, “produzidos e acumulados por uma entidade coletiva, pública ou privada, pessoa ou família, no desempenho de suas atividades, independente do suporte” (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p. 27) dotado de organicidade, que possui elementos constitutivos suficientes para servir de prova dessas atividades.

Dessa forma, o documento de arquivo (ou documento arquivístico), dentro de instituições escolares como são as Universidades é considerado como fonte documental para a História da Educação. Nessa perspectiva, a História da Educação constitui um campo interdisciplinar responsável por estudar as especificidades da educação sob uma perspectiva histórica aberta às inovações dos processos histórico-educacionais. Para Lombardi (2004, p. 151) “está indicando que